

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL COM O USO DO LIVRO DIDÁTICO DA COLEÇÃO “ENTRE LAÇOS” POR PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE RECIFE

Myrna Suellen Malafaia Queiroz¹

Rita de Cássia Loureiro Roges²

Eliana Borges Correia de Albuquerque³

Resumo

Muito se fala sobre alfabetização e letramento e cada um tem uma ideia sobre o que essas palavras se referem, mas o que é alfabetização? No Brasil, a alfabetização vem sendo um desafio a ser cumprido, pois temos várias formas de alfabetizar. Os programas de aquisição de livros didáticos executados pelo Governo Federal destacam-se como uma das ações relevantes da União para apoiar a qualidade da educação nos estados e municípios. Diante da pluralidade de possibilidades de escolhas de livros e coleções a serem utilizadas pelos docentes no ciclo alfabetizador, esse projeto pretendeu analisar as práticas de alfabetização que podem ser desenvolvidas por professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Recife que utilizam o livro de Língua Portuguesa da coleção *Entre Laços*, aprovado pelo PNLD 2023, que aconteceu no âmbito da Política Nacional de Alfabetização (PNA), que defendia a instrução fônica como a mais eficaz para alfabetizar as crianças. Como procedimentos metodológicos realizamos a análise documental do Volume 1 da referida coleção, além de entrevista com uma professora que leciona em uma escola da Rede Municipal de Recife, e observações de suas aulas. Os resultados indicaram que, no que se refere à apropriação da escrita alfabética, o livro possui atividades com letras e fonemas em consonância com a PNA. Quanto aos usos do livro didático pela docente, a análise dos dados revelou que a professora utiliza o livro de maneira autônoma, relacionando-o com o seu planejamento e desenvolvendo estratégias para além do que o material recomenda.

Palavras-chave: alfabetização; livro didático; PNLD.

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre alfabetização e letramento e cada um tem uma ideia sobre o que essas palavras se referem, mas o que é alfabetização? Alfabetização é a ação de alfabetizar, porém, ainda ficamos com a pergunta principal: o que é ser um sujeito alfabetizado? Ser alfabetizado significa saber ler e escrever, conhecer o alfabeto. Já “Letramento” é uma palavra relativamente recente no Brasil e significa o ato de ser letrado, não apenas saber ler e escrever, mas fazer uso frequente da leitura e da escrita (Soares, 1998). Esses conceitos são similares de tal forma que podem ser confundidos, mas, para Magda Soares, há uma diferença de significado:

1 Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – Universidade Federal de Pernambuco

2 Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – Universidade Federal de Pernambuco

3 Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco

“Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna alfabetizada - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna letrada - é diferente de uma pessoa que ou não sabe ler e escrever - é analfabeta - ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita” (SOARES, 1998. p. 03).

No Brasil, a alfabetização vem sendo um desafio a ser cumprido, pois temos várias formas de alfabetizar. Em 2019, no governo do presidente Jair Bolsonaro, foi implementada no país a Política Nacional de Alfabetização (PNA), que trouxe como referência o método fônico, apontado como o "melhor" e mais "eficaz", o qual se baseia no ensino transmissivo das correspondências entre letras e sons. A PNA tinha o objetivo de “*eleva a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro*” (Brasil, 2019).

A PNA desconsiderou os avanços das pesquisas construtivistas divulgadas em nosso país desde os anos 80 e 90, que criticavam os métodos considerados tradicionais, entre eles o método fônico, por, entre outras coisas, conceberem a leitura e a escrita como decodificação e codificação e não considerarem os conhecimentos que os aprendizes possuem sobre a escrita em seus processos de alfabetização. Com a divulgação da teoria da psicogênese da língua escrita e dos estudos de letramento, os métodos tradicionais foram gradativamente substituídos por práticas de alfabetização na perspectiva do letramento, como defendido em programas de formação de professores como o Pró-Letramento e o PNAIC.

Em 2023, no primeiro ano do atual governo, a PNA foi revogada, pois, segundo o ministro da Educação Camilo Santana, a alfabetização Brasileira regrediu absurdamente nesse período, entendendo-se que esta política se configurava em um retrocesso. No entanto, algumas ações vinculadas à PNA permaneceram, como é o caso da distribuição dos livros didáticos de PNLD 2023 que, para serem aprovados e distribuídos por quatro anos (2023 a 2027) às escolas públicas do país, precisavam estar adequados à referida política e propor uma alfabetização com base na instrução fônica.

Nesse contexto de mudanças e, também, de permanências, o objetivo da nossa pesquisa é o de analisar as propostas de alfabetização de um livro didático aprovado no PNLD 2023 e os usos que uma professora faz desse material em suas práticas de ensino da leitura e da escrita.

1. PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

O ensino da leitura e da escrita, até meados do século passado, foi marcado principalmente pela disputa entre o melhor método para alfabetizar as crianças, dentre os métodos sintéticos (alfabéticos, fônicos, silábicos) e os analíticos (palavração, sentenciação e

método global). Como abordado por Braslavsky (1988), os métodos sintéticos partiam das unidades não significativas da língua (letras, fonemas e sílabas, respectivamente) para o ensino de palavras, frases e textos. Os textos propostos inicialmente para leitura possuíam um controle de repertório de palavras, sendo considerados como pseudotextos. Eles não tinham, portanto, relação com o cotidiano dos alunos. Já em relação à escrita, ela era restrita ao ensino da caligrafia e da ortografia das palavras e era focado em copiar textos e a manter o desenho correto das letras (Mortatti, 2006).

Quanto aos métodos analíticos, havia três tipos principais: “*a palavrção, a sentencição e o método global (ou “dos contos”, ou “das historietas”)*” (Morais, 2012 p. 18). Tal método funcionava com o sentido inverso do método sintético, que seria partir de unidades maiores (palavras) e que “tinham significado” até alcançar as unidades menores (sílabas e letras). O método da palavrção se caracteriza pela memorização e cópia de palavras para, posteriormente, dividi-las em pedaços menores (sílabas, letras e sons). O da sentencição segue o mesmo princípio da palavrção, mas com frases completas que, posteriormente, eram divididas em unidades menores (palavras, sílabas, letras e sons). Já o método global também seguia o mesmo princípio dos outros, mas com textos que eram criados unicamente para alfabetizar e mais uma vez os alunos o dividiam em unidades menores (frases, palavras, sílabas, letras e sons). (Morais, 2012).

Para Braslavsky, o método analítico cria significado e interesse em aprender a ler e a escrever por partir de uma “*trama de experiências prévias*” (Braslavsky, 1988 p.46) e incentiva a formar estratégias de leitura que facilitem a sua compreensão.

“Se a criança compreendeu que a linguagem falada está estruturada em palavras; se desenvolveu seu ouvido fonemático compreendendo como muda o valor de um grafema de acordo com o lugar que ocupa no contexto da palavra; se analisa um texto escrito que expressa o que ela mesma formulou oralmente; se a criança realiza todas essas experiências, pode utilizá-las como antecipações quando ela própria tenta compreender um texto escrito.” (Braslavsky, 1988 p. 46).

Dentro do método analítico, o método da frase inclina-se a utilizar palavras que possuam sentido para o leitor, o que pode abrir espaço para produções orais das crianças, como expressões e frases, e tais produções seriam, depois, exibidas em sala de aula para o começo da elaboração da escrita. A criança deveria ouvir, por exemplo, uma história várias vezes de forma repetida até conseguir vivenciar e memorizar o conteúdo, para poder identificar palavras conhecidas e palavras novas em outros contextos literários. (Braslavsky, 1988).

A análise dos métodos mostrou vantagens e desvantagens e, em geral, um método surgia como uma tentativa de resolução dos limites do anterior. Assim, houve uma crescente evolução dos métodos até chegar na parte mais significativa para que a criança compreendesse de forma satisfatória. (Braslavsky, 1988).

“É preciso destacar que os métodos nasceram nas salas de aula. Em todos os casos foram o produto da criatividade dos professores e por eles foram aperfeiçoados, através de sucessivas experiências que visavam responder às demandas crescentes de uma população que enfatizava a necessidade de aprender. Assim, grande parte dos métodos se desenvolveram antes da configuração de outras ciências que vieram em auxílio na pedagogia. O analfabetismo retrocedeu graças à escola sobretudo nos momentos em que o meio social promovia a necessidade de ler e escrever” (Braslavsky, 1988 p. 44).

Na década de 1980 vivenciamos uma mudança paradigmática no campo da alfabetização com a divulgação da teoria da psicogênese da língua escrita, elaborada por Ferreiro e Teberosky (1991). A discussão passou a ser focada não mais nos métodos de alfabetização, mas no processo de aprendizagem da criança, o que fez com que a “revolução conceitual” acontecesse e, assim, os educadores passassem a abandonar os métodos (teorias e práticas) tradicionais, incluindo o uso das cartilhas.

“O trabalho de pesquisa de Emilia Ferreiro mostrou que as cartilhas eram as culpadas do fato de algumas crianças não se alfabetizarem direito e rapidamente. As hipóteses da psicogênese da língua escrita mostravam um caminho bem definido de como, seguindo as teorias de Piaget, era adquirido um tipo de conhecimento” (Cagliari, 2022 p.23).

O acesso à escola pública no Brasil se tornou um direito legal no início do século XX. Apesar do índice de analfabetismo ter diminuído com o passar dos anos, em 2010, o Brasil ainda era um dos países com maior taxa de analfabetos da América do sul. Segundo Morais (2012) o fracasso escolar brasileiro atingia principalmente as crianças das escolas públicas.

“Costumamos dizer que vivemos, no Brasil, um verdadeiro *apartheid* educacional, no qual coexistem, sem maiores questionamentos, dois sistemas de ensino: aquele destinado às classes médias e à burguesia e “o outro”, destinado às camadas populares, no qual se passou a aceitar, como natural, que um altíssimo percentual de crianças chegue ao final do primeiro ano sem ter compreendido o funcionamento do sistema alfabético.” (Morais, 2012 p. 13 e 14)

Com a massiva divulgação da abordagem construtivista, criou-se uma tensão e os educadores passaram a se dividir em dois grupos, os que concordavam com o construtivismo e os que defendiam os métodos tradicionais de alfabetização (Mortatti, 2006). Como abordado por Albuquerque e Ferreira (2021), diante das inovações teóricas do campo da alfabetização com a divulgação, também, a partir da década de 1990, dos estudos sobre o letramento, surgiu a necessidade de os livros didáticos passarem por revisão. Assim o Programa Nacional do

Livro Didático, a partir de 1996, passou a avaliar os livros que seriam distribuídos nas redes públicas de ensino, com base em critérios estabelecidos por especialistas das diferentes áreas.

2. O PNLD e as mudanças nos livros de alfabetização

“Vivemos num país cujos índices de fracasso na alfabetização vêm se reduzindo, mas continuam inaceitáveis” (Morais, 2012 p. 12). Dentre diversas alternativas institucionalizadas para a melhoria nos índices de alfabetização, os programas de aquisição de livros didáticos executados pelo Governo Federal evidenciam uma importante ação com vista à melhoria da qualidade da educação nos estados e municípios (Britto, 2011).

Existe, na Constituição Federal de 1988, uma clara inflexão que sinalizava para a construção de uma escola pública de qualidade para todos os brasileiros, ao menos no que se refere à educação básica (Pinto, 2016). Somado a isso, a permanente discussão sobre métodos de alfabetização, provocada pela apresentação da proposta do método fônico em oposição ao construtivismo, recoloca no centro dos debates a disputa pela hegemonia de projetos políticos na formulação e implementação de políticas públicas para a alfabetização no Brasil (Mortatti, 2010).

O compromisso que o Ministério da Educação (MEC) tem com a qualificação da educação pública pode ser observado, entre outros aspectos, no investimento em vários programas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o Programa Nacional do Livro Didático (doravante, PNLD), o PNLD Obras Complementares, o PNLD EJA e o PNBE do Professor. Vivemos, desde a primeira década do atual milênio, um clima de respeito à diversidade, de modo que, paralelamente às políticas do MEC, víamos a autonomia das redes de ensino, de respeito aos educadores e aos pesquisadores do campo da alfabetização (Morais, 2022).

Além disso, segundo Galzerano (2026, p.12) “é importante lembrar que organismos internacionais como o Banco Mundial defendem o livro didático como estratégia para melhorar a qualidade do ensino para os países em desenvolvimento”. Seguindo essa orientação, “no Brasil, a relação entre o mercado de livros didáticos e o Estado ocorre por meio do PNLD” (Zanolla, 2019 p.61).

“O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público” (Brasil, 2017).

O PNLD oferece às escolas um acervo permanente de livros, além dos livros consumíveis, que são entregues aos beneficiários sem a necessidade de devolução ao final do ano letivo. Os livros inscritos no programa são submetidos a um trabalho de análise e avaliação pedagógica, realizado por um grupo de pesquisadores e professores de instituições universitárias e de redes públicas de ensino (Britto, 2011; Albuquerque, Ferreira, 2019).

Sob a gestão da Secretaria da Educação Básica (SEB) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o PNLD avalia e destina às escolas públicas materiais escolhidos pelos professores, a partir das opções aprovadas no Programa. Essa avaliação prévia dos materiais por especialistas foi instituída em 1996, levando editoras a se adequarem às exigências do Programa (Zanolla, 2019).

Ainda assim, Albuquerque e Ferreira (2023 p.31) defendem que:

“O livro didático, seja ele considerado como regulador ou estruturador da prática docente, seja ele tratado como um dos recursos que contribuem para a construção dessas práticas, não é – e não pode ser – o principal responsável pela alfabetização de crianças e adultos (Albuquerque, Ferreira, 2023 p. 31)”.

Infelizmente, essa não era a visão apresentada na PNA, espelhada no último Edital do PNLD, em 2023, que propôs a avaliação, escolha e distribuição de livros didáticos para os anos iniciais do Ensino Fundamental (Albuquerque, Ferreira, 2023).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) foi lançada em 2019. Como o próprio nome sugere, essa iniciativa governamental buscava elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo no país. No entanto, é importante destacar que o plano foi, e continua sendo, alvo de críticas devido à sua abordagem limitada, que negligenciou os conceitos de letramento e transferia a responsabilidade da alfabetização para as famílias. Essa abordagem míope do plano apresenta uma série de lacunas e implicações negativas para a educação como um todo (Oliveira, 2023).

A PNA estabelecia uma única via para alfabetizar, por meio da instrução fônica, determinando-a como a solução para a alfabetização das crianças das redes públicas de ensino (Velázquez, Albuquerque, 2023). Ao instituir essa política, o MEC realizou uma ruptura violenta ao que vinha sendo realizado nessa área nas últimas décadas, tentando instituir, com base em evidências científicas provenientes das ciências cognitivas, um modelo de ensino com foco na instrução fônica, na qual o sujeito aprendiz é isolado de seus aspectos sociais para desenvolver, nos anos destinados à alfabetização, habilidades específicas de decodificação e codificação (Albuquerque, Ferreira, 2023).

Essa política desconsiderou os avanços e as pluralidades dos processos específicos da alfabetização e do letramento, revelando um total apagamento desses campos teóricos e

práticos, construídos historicamente por diversas vozes e atores. Os critérios de seleção das obras do PNLD 2023, em uma tentativa de alinhamento da BNCC em conformidade à PNA, revelaram-se em mais um golpe tanto para a Educação Infantil como para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Velázquez, Albuquerque, 2023).

Assim, o Edital do PNLD 2023 estabeleceu que as obras didáticas deveriam atender ao disposto na Política Nacional de Alfabetização. A partir do referido ano, as professoras das escolas públicas do país receberam materiais didáticos que propunham, portanto, para o 1º ano do Ensino Fundamental, o ensino explícito das letras e de seus sons. (Albuquerque, Ferreira, 2023).

Diante das mudanças ocorridas no PNLD 2023, nossa pesquisa buscou analisar as propostas de alfabetização de um livro didático aprovado na referida edição do PNLD 2023 e os usos que uma professora faz desse material em suas práticas de ensino da leitura e da escrita.

3. METODOLOGIA

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Secretaria de Educação da Cidade do Recife. A escolha da turma teve, como critério, o fato de a professora ter usado o livro didático aprovado no PNLD 2023 no ano de 2024 e, também, por ela atuar, desde dezembro do referido ano, como supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Alfabetização da UFPE.

Como procedimentos metodológicos, foram realizadas a análise documental do Volume 1 da Coleção livro *Entre Laços*, de autoria de Angélica Prado e Cristina Hüller, que foi a coleção escolhida pela escola no PNLD 2023 na área de Língua Portuguesa. Buscamos investigar, mais especificamente, as atividades voltadas para a apropriação da escrita alfabética de modo a perceber como elas se aproximavam do que era proposto na PNA, que foi um dos documentos que de alfabetização da edição Quadro 1 apresenta os livro.

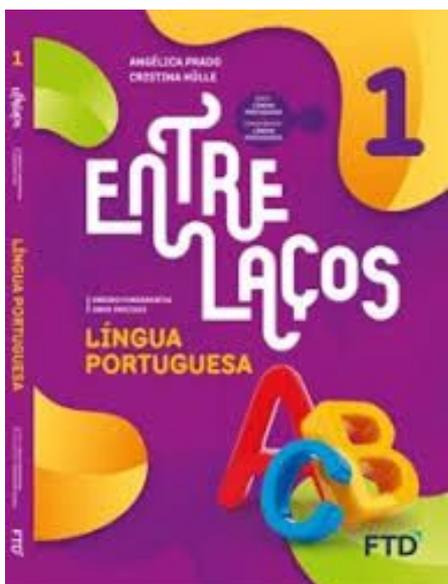


Figura 1

nor-teou a análise dos livros do referido PNLD. O dados catalográficos do

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 01.

Quadro 1: DADOS CATALOGRÁFICOS DO LIVRO

Código da coleção	0126 P23 01 01 010 010
Área	Língua Portuguesa
Componente	Língua Portuguesa
Coleção	Entre Laços
Editora	FTD - 1ª edição - São Paulo - 2021
Autores	Angélica Prado e Cristina Hülle
Série	1º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais
PNLD	2023

Fonte: as autoras.

Para analisar as práticas de alfabetização desenvolvidas pela professora Sara e os usos que ela faz do livro didático do PNLD 2023, realizamos uma entrevista com a docente e observações de suas aulas ao longo de três semanas, totalizando 11 dias de aulas observadas. As observações foram realizadas no turno da manhã, das 07h30min às 11h30min.

A professora Sara Lira era formada em Pedagogia pela UFPE, e possuía Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Ela tinha 14 anos de experiência como docente da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e era professora da escola campo da pesquisa há dois anos.

A escola campo da pesquisa é a Escola Municipal Diná de Oliveira, que está localizada na zona oeste da cidade do Recife, no bairro da Iputinga, na Rua São Mateus. Essa escola surgiu a partir das necessidades e reivindicações da comunidade, que reivindicava por uma escola que pudesse atender aos moradores da área adstrita. Fundada há quase 25 anos, no mês de junho do ano 2000.

Atualmente a escola atende às turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de possuir turmas de correção de fluxo de alfabetização para distorções idade- série. Em março de 2025, a escola tinha um quantitativo de 697 estudantes matriculados.

A turma do 1º ano na qual realizamos nossas observações possuía, no mês de março de 2025, um total de 15 alunos matriculados e 12 alunos frequentadores. Esses estudantes tinham entre 6 e 8 anos de idade e todos eram alunos novatos, pelo fato de a escola não possuir turmas de Educação Infantil.

Esses alunos são oriundos em parte de creches particulares da comunidade; em parte dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), que são escolas da rede da Prefeitura da Cidade do Recife; e em parte “do lar”, termo utilizado pela professora Sara para designar as crianças que ainda não haviam frequentado ambientes escolares formais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Propostas de alfabetização no livro didático *Entre Laços*

Dando início à análise documental do livro escolhido como objeto de pesquisa, iniciamos destacando como ele se apresentava aos docentes (No Manual do Professor) em consonância com os documentos oficiais.

O livro se propõe a contemplar o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, reconhecendo a centralidade da apreensão da língua materna na aquisição do entendimento dos demais componentes, em diferentes áreas do conhecimento. A proposta fundamenta-se na mobilização e na aplicação de conhecimentos pertinentes aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com base em duas referências fundamentais: as habilidades e as competências explicitados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e a alfabetização e a literacia apresentadas pela Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Na sua apresentação aos docentes o livro informa que seu foco está na alfabetização, respeitando o ritmo de cada aluno no que se refere ao desenvolvimento da literacia, da consciência fonológica e do reconhecimento das letras, e que em suas atividades são desenvolvidas práticas de leitura e de produção de textos em um contexto real de aprendizagem, em situações nas quais os alunos precisam mobilizar conhecimentos prévios para aprender com os textos. Além disso, oportuniza o trabalho com oralidade e conhecimentos linguísticos contextualizados, bem como sugere situações didáticas nas quais os alunos poderão colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

A coleção *Entre Laços* está, portanto, em consonância com os documentos oficiais do componente curricular Língua Portuguesa, tendo como base as diretrizes e as normas gerais da educação brasileira. Em conformidade com a BNCC, a coleção é organizada em quatro eixos de práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção textual e análise linguística. Já em conformidade com a PNA, contempla os seis componentes essenciais para alfabetização: consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção de escrita.

Seguindo com a análise do livro, realizamos um levantamento de todos os gêneros textuais nele presentes. Observamos a presença de uma diversidade textual (contos, fábulas, convite, bilhete, verbetes, poemas, parlendas, cantigas...). A BNCC (Brasil, 2018) considera que um dos objetivos do ensino da Língua Portuguesa é que os estudantes possam “produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada”.

O que pudemos perceber com a análise dos gêneros textuais presentes no livro é que, embora o livro forneça uma grande diversidade de gêneros, há um predomínio dos textos da tradição oral, como as parlendas (16), cantigas (12), poemas (12), quadrinhas (4), trava-línguas (4). Tais textos são importantes para o processo de apropriação da escrita alfabética por possibilitarem a exploração dos estratos sonoros da língua, como a rima e a aliteração. Araújo (2016) destaca que “uma vez memorizados para construir um repertório de brincadeiras, os textos da tradição oral são privilegiados também para o reconhecimento de palavras, a reflexão sobre a notação escrita e a relação entre a escrita e a pauta sonora da língua”. (p. 2336).

Em relação às atividades de apropriação da escrita alfabética, observamos que há também uma diversidade de propostas envolvendo o trabalho no nível das letras, sílabas, fonemas, palavras, frases e textos.

Em geral, essas atividades se encontram nas seções “Palavras em ação” e “De olho nas letras”, que se propõem a explorar as letras do alfabeto e seus sons, seguindo a recomendação da PNA.

Em relação às atividades envolvendo o ensino das letras, há um predomínio das que solicitam que a criança copie, cubra e identifique diferentes tipos de letras, como pode ser observado nas Figuras 2, 3 e 4.

Figura 2

Figura 3

Figura 4

DE OLHO NAS LETRAS
• LETRAS A, E, I, O, U

1 CUBRA OS PONTILHADOS E CONTINUE ESCRIVENDO A LETRA.

Aa Cc

2 CUBRA OS PONTILHADOS.
• DEPOIS COMPLETE CADA PALAVRA COM AS LETRAS QUE FALTAM.

amora abacate

A M O R A A B A C A T E

• A LETRA INICIAL DESSAS PALAVRAS REPRESENTA QUAL SOM?
26 0 som /pt/

DE OLHO NAS LETRAS
• LETRA M

1 CUBRA OS PONTILHADOS E CONTINUE ESCRIVENDO A LETRA.

Mm

2 ACOMPANHE A LEITURA DO POEMA.

COM M SE ESCRIVE MÃO.
E AGORA VÊ QUE ENGRAÇADO:
NA PALMA DA TUA MÃO
TENS UM M DESENHADO!

MARCO CUNYANA. O BATALHÃO DAS LETRAS
ILUSTRAÇÕES: MABELLA PERELO. SÃO PAULO:
COMUNIDADE DAS LETRINHAS, 2019. P. 20.

• QUE SOM A LETRA M REPRESENTA NA PALAVRA MÃO?
42 0 som /m/

PALAVRAS EM AÇÃO
• ALFABETO • RECONHECIMENTO DE LETRAS • ESCRITA DE PALAVRAS

1 COMPLETE OS QUADRINHOS COM AS LETRAS QUE FALTAM.

A B C D E F G
H I J K L M N
O P Q R S T U
V W X Y Z

ESSE CONJUNTO DE LETRAS RECEBE O NOME DE ALFABETO.

2 COMPLETE: O ALFABETO TEM 26 LETRAS.
60

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 26, 42, 60.

Além dessas atividades que tinham como foco a memorização e cópia das letras do alfabeto, há outras que demandam a identificação das letras dos nomes das crianças e de palavras que começam com a mesma letra dos nomes delas ou de outros nomes. Quanto às atividades fonológicas que envolvem sílabas, rimas e fonemas, elas também têm presença significativa, com predomínio das que exploram os fonemas, como as que solicitam que as crianças pronunciem o som da letra trabalhada na unidade ou que identifiquem palavras que começam com os fonemas trabalhados, como pode ser observado na última atividade das páginas apresentadas nas Figuras 2 e 3. Para cada letra do alfabeto, há atividades dessa natureza.

Apresentamos, a seguir, algumas atividades envolvendo sílabas e rimas.

Figura 5

7 CIRCULE AS PALAVRAS QUE TÊM OS MESMOS DOIS SOMS INICIAIS DE JATO.

JABUTICABA JEGUE JACARE JOGO
JACU JIBOIA JUBA

62

Figura 6

4 DESEMBARALHEM AS SÍLABAS E DESCUBRAM O QUE TINHA NA FESTA DE ANIVERSÁRIO.

RO DEI GA BRI
CA PI PO
LI PI RU TO
DA LA JA RAN

Bigodinho, pipoca, pirulito, laranja.

• A) QUAL DESSAS PALAVRAS TEM TRÊS SÍLABAS E SEIS LETRAS?
B) QUAL DESSAS PALAVRAS COMEÇA COM A LETRA B E TEM DEZ LETRAS?
C) QUAIS DESSAS PALAVRAS COMEÇAM COM A LETRA P?

147

Figura 7

2 ACOMPANHE A LEITURA DA PARLENDA.

PULA, PULA, PIPOQUINHA
PULA, PULA SEM PARAR
PULA, PULA, PIPOQUINHA
PRA CRESCER E ESTOURAR

Os alunos devem circular de uma cor as duas ocorrências de pipocinha e de outro, PARLENDA POPULAR.
cor as duas palavras: parar e estourar.

A) QUE SOM A LETRA P REPRESENTA? B) som /p/.

B) PINTA DE AZUL AS PALAVRAS COM 4 LETRAS.
C) CIRCULE COM A MESMA COR AS PALAVRAS QUE RIMAM.

D) PINTA DA MESMA COR CADA DUPLA DE PALAVRAS ESCRITAS DA MESMA FORMA.

PIPOCA pipoca PIPOCA
pipoca pipoca pipoca

152

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 62, 147, 152.

A atividade da Figura 5 solicita que as crianças identifiquem palavras que comecem com a mesma sílaba inicial da palavra JATO, mas o interessante é que não há menção à sílaba inicial dessa palavra, mas aos “dois sons” iniciais dela. Parte-se do pressuposto defendido na PNA de que os fonemas são sons facilmente perceptíveis e fáceis de serem pronunciados, o que, na nossa língua, não procede. Como apontado por Soares (2016), os fonemas, principalmente os consonantais, são entidades abstratas, não observáveis diretamente, não audíveis e não pronunciáveis isoladamente. Já as atividades da Figura 7 se relacionam à leitura de uma parlenda. Solicita-se que os estudantes façam o som da letra P (de Pipoca), pintem as palavras com 4 letras presentes na parlenda, e pintem com outra cor as palavras que rimam. Fica perceptível que o foco maior do livro didático é no ensino das relações entre letras e os sons que elas representam, pois mesmo na exploração de um texto da tradição oral essa atividade está presente, o que aponta que o texto, muitas vezes, é tomado como pretexto para o ensino das letras e de seus sons.

Encontramos alguns problemas nas atividades envolvendo fonemas, principalmente quando exploram letras que possuem mais de um som, como é o caso de algumas vogais. No exemplo a seguir, por exemplo, pede-se que as crianças completem as palavras com as letras que faltam – no caso, com a letra E – e depois digam que som essa letra representa. O problema é que nas palavras EMA e Edite, a letra E não representa um único som, pois na primeira palavra o som é nasal.

Figura 8

3 CUBRA OS PONTILHADOS E CONTINUE ESCRIVENDO A LETRA.

Ee Ee Ee

escada

4 CUBRA OS PONTILHADOS.

• DEPOIS COMPLETE CADA PALAVRA COM AS LETRAS QUE FALTAM.

ema Edite

_ E _ M _ A _ E _ D _ I _ T _ E _

☐ • A LETRA INICIAL DESSAS PALAVRAS REPRESENTA QUAL SOM?
O som E

27

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 27.

Enfim, muitas das atividades encontradas e repetidas variadas vezes ao longo do livro se apresentam em consonância aos princípios presentes na PNA, relacionados ao trabalho com os 6 componentes essenciais para alfabetização: consciência fonológica e fonêmica, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção de escrita.

4.2. Práticas de alfabetização e os usos do livro didático pela professora Sara

Nos 11 dias em que estivemos na sala da professora Sara para fazermos observações de suas aulas no que se refere ao trabalho com a leitura e a escrita, percebemos que diferentes atividades foram realizadas, com diferentes matérias e propostas, como pode ser observado no Quadro 2, que apresenta a rotina dos dias em que observamos suas aulas.

Quadro 2: Atividades desenvolvidas na turma da professora Sara

ATIVIDADES	11/03	13/03	14/03	18/03	19/03	20/03	21/03	25/03	26/03	27/03
Acolhimento	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Registro da data no calendário	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Atividade de língua portuguesa com o uso do livro didático	X			X	X			X	X	
Atividade de matemática com o uso do livro didático			X			X				
Atividade de ciências com o uso do livro didático		X								X
Atividade de geografia com o uso do livro didático		X			X					
Atividades com fichas	X	X	X				X		X	X
Recreio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Leitura literária	X						X	X		
Leitura deleite		X			X			X		
Leitura individual								X		
Atividade artística	X		X	X	X			X	X	X
Desenho livre								X		

Atividade no caderno	X						X			X
Correção das tarefas de casa								X		
Jogos						X			X	
Atividade fora da sala de aula								X		
Tarefa de casa										
Brincadeiras livres	X									
Saída	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: as autoras.

Como podemos observar no Quadro 02, a professora Sara iniciava suas aulas sempre com o acolhimento das crianças, que misturava com a cantoria de músicas e uma conversa informal. Nessa cantoria por vezes a professora utilizou o pandeiro, bem como convidou alguns dos alunos para cantar lá na frente, com ela. E a conversa teve propostas variadas. Alguns dias, como na terça, teve como foco a aula do dia anterior, já que nas segundas feiras as crianças são acompanhadas por outra professora⁴; ou falam sobre o final de semana; ou a professora utilizava esse momento de conversa para inserir o tema da aula do dia.

Outra atividade permanente que pode ser observada no Quadro 1 é a marcação da data no calendário, que é um recurso que a professora utiliza como estratégia para a inserção de diversos conteúdos, tanto de língua portuguesa como de matemática, ciências e geografia. Ela sempre chama a atenção dos alunos para as unidades e as dezenas das datas, destacando a escrita dos números e a contagem dos dias, além da contagem dos meses do ano e das datas comemorativas.

A produção e o estímulo às atividades artísticas também é um recurso recorrente da prática da professora Sara. Nos dias de observação ela trouxe diversas propostas de produção artística sempre respeitando a autonomia das crianças. Além disso, a professora mantém uma avaliação diagnóstica permanente, tanto de forma processual, observando o desenvolver das atividades e fazendo perguntas direcionadas ao aprendizado da leitura e da escrita; como de forma sistemática, realizada através de atividades de diagnose propostas pela rede de ensino ou por ela mesma.

Ao longo das observações percebemos que a professora, além de utilizar uma variedade considerável de materiais, como jogos, livros literários, textos diversos e leitura de livros de literatura para deleite em suas aulas, ela também realiza um trabalho interdisciplinar,

⁴ Nas segundas-feiras a professora Sara tem aula-atividade, destinada ao planejamento e formação continuada da rede municipal do Recife. Nesse dia outra professora acompanha os alunos.

com o auxílio dos outros livros da coleção *Entre Laços*. Nos 11 dias observados, a professora Sara utilizou o livro didático de língua portuguesa em 5 deles. Mas as atividades de leitura e escrita estiveram presentes todos os dias, tanto pela interdisciplinaridade, como por meio dos usos de outros materiais, como as fichas e os livros didáticos das outras disciplinas. Como a professora Sara informou na entrevista,

“Entre os materiais, os recursos didáticos, o livro, para mim, é o principal. Eu trago as fichas como um suporte. Mas o livro é o principal. É um recurso que vem para o aluno, é consumível, é ilustrado, é tudo colorido. A minha ficha vai ser impressa na escola e a cópia não é colorida”.

A professora Sara nos contou que participou da escolha dos livros do PNLD 2023 e que gostava da Coleção escolhida por eles – a coleção *Entre Laços* - porque os livros são coloridos e ilustrados, o que desperta o interesse das crianças. Ela falou, também, que trabalha com o livro a partir do seu planejamento, não o utilizando na sequência proposta pelos autores.

No nosso primeiro dia de observação a professora Sara fez uso do livro didático de língua portuguesa. Ela trabalhou com os alunos a lição da letra “P”, seguindo as atividades das páginas 18 e 19 do livro (Figura 9 e Figura 10).

Figura 9

O QUE JÁ SEI
AVALIAÇÃO INICIAL

1 ACOMPANHE A LEITURA DO PROFESSOR.

A ESCOLA

TODO DIA
NA ESCOLA,
A PROFESSORA,
O PROFESSOR.
A GENTE APRENDE,
E BRINCA MUITO
COM DESENHO,
TINTA E COLA.

MEUS AMIGOS
TÃO QUERIDOS
FAZEM FARRA,
FAZEM FILA.
O PAULINHO,
O PEDRÃO,
A PATRÍCIA
E A PRISCILA.

CLAUDIO THEBAS. AMIGOS DO PEITO.
BELO HORIZONTE: FORMATO, 1996. P. 8.

A) CUBRA O PONTILHADO DA LETRA AO LADO DO POEMA.
☐ • QUE SOM ESSA LETRA REPRESENTA?

18

Figura 10

B) CIRCULE NO POEMA AS PALAVRAS QUE COMEÇAM COM ESSA MESMA LETRA.
C) ASSINALE OS OBJETOS QUE COMEÇAM COM ESSA LETRA.

PANELA PIANO MESA

2 CIRCULE A LETRA INICIAL DAS PALAVRAS FARRA E FILA.

T E F B A

3 ESCREVA A PALAVRA AMIGOS NOS QUADRINHOS.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

4 QUAL PALAVRA TEM A MENOR QUANTIDADE DE LETRAS?

DESENHO COLA TINTA
 AMIGOS PRISCILA ESCOLA

5 JUNTE OS QUADRINHOS DE CORES IGUAIS E DESCUBRA OS NOMES DE DUAS FRUTAS.

JU NA CA NA BA

19

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 18,19.

Na página 18 a professora leu o texto para as crianças e pediu que elas identificassem quantas vezes a letra “P” apareceu durante a leitura, observando as palavras do texto. Passou, então, para a página 19, ignorando as instruções que solicitavam que as crianças cobrissem a letra P e falassem o som que essa letra representa. Na página 19, a professora leu os dois primeiros enunciados e as crianças conseguiram acompanhar e realizar as atividades sem dificuldades. A primeira atividade elas já tinham feito oralmente e circularam as palavras iniciadas pela letra P. Quanto à segunda atividade, como havia a figura e as palavras que elas representam escritas abaixo delas, os estudantes também conseguiram fazer sem problemas. Ainda na página 19, a professora leu o enunciado da atividade de número 2, e as crianças conseguiram realizá-la, mas a docente propôs também que elas dissessem outras palavras que começavam com a letra “F” e depois escreveu as palavras no quadro, destacando o som inicial, pois só se diferenciavam por uma vogal. As palavras sugeridas pelas crianças foram: FACA e FOCA.

Na atividade de número 3, a professora também leu o enunciado e as crianças conseguiram realizar a atividade. Ela fez, em seguida, um acréscimo solicitando que eles escolhessem o nome de um amigo para escrever. Alguns consultaram o amigo para ajudar na escrita e outros consultaram a lista com os nomes dos alunos que a professora deixava colada na parede da sala de aula. Na atividade de número 4, embora todos tenham conseguido responder corretamente, a professora foi perguntando a cada um porque tinham escolhido a palavra “cola” como resposta. E as respostas foram divididas: alguns alunos disseram que esta era a resposta correta pelo número de letras e outros disseram que esta seria a resposta correta pelo tamanho da palavra. Já na última atividade da página, os alunos tiveram bastante dificuldade, pois a maioria respondeu que as palavras eram “juca” e “nanaba”, não conseguindo realizar a conexão com as palavras caju e banana. Elas apenas juntaram as sílabas das mesmas cores, seguindo a ordem de apresentação delas.

Sobre as atividades fonológicas presentes no livro, a professora Sara falou que prefere as que envolvem sílabas e palavras – *“mas as atividades que eu gosto mais de fazer que eles têm facilidade de fazer, são essas de sílabas, de ver os pedacinhos, de perceber, de palavra dentro de palavra”*. No caso das atividades que demandam que as crianças identifiquem palavras iniciadas por determinado fonema, ela falou que muitas vezes trabalhava com a letra inicial, e não com o som.

Sobre o trabalho interdisciplinar envolvendo livros didáticos de diferentes disciplinas, ela fez o seguinte comentário:

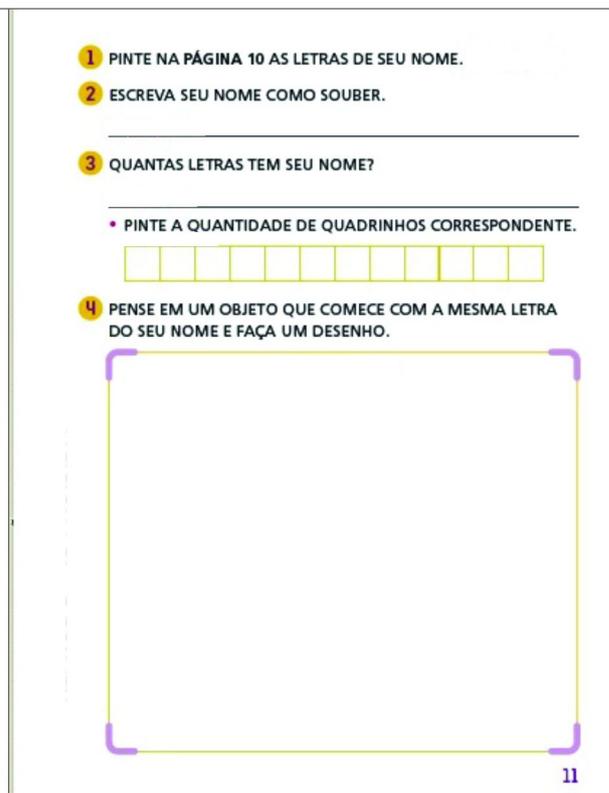
“Então eu prefiro utilizar o livro, e aí como tem outros livros, eu vou fazendo de forma interdisciplinar. Se o tema é animais, né? Porque a gente tá trabalhando projeto, então eu vou trabalhar lista, é o nome dos animais, classificação, aí eu trabalho com tabela, e vou pra um livro de matemática na parte de tabela, trabalho em questão de classificação, domésticos e selvagens. Aí se fala de quantidade, a gente teve uma atividade essa semana num livro de matemática, que era sobre a quantidade a partir da festa de aniversário, o número de velas, que era a idade do menino que tava fazendo aniversário, e aí a gente tem também convite no livro de português, então segunda-feira minha aula vai ser sobre convite, porque eu já comecei um livro de matemática que fala sobre aniversário em quantidades.”

No 4º dia de observação a professora fez as atividades do livro didático de Língua Portuguesa envolvendo a leitura e produção de convites. Ela, inicialmente, fez as atividades das páginas 10 e 11, apresentadas a seguir:

Figura 11



Figura 12



Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 10,11.

A professora iniciou a atividade perguntando se as crianças conheciam todas as letras do alfabeto, e todos leram, em coro, o alfabeto. Passando para a página 11, a professora pediu que as crianças identificassem as letras que aparecem no primeiro nome delas, depois escrevessem seu nome, contassem quantas letras aparecem nessa escrita, pintassem os quadradinhos correspondentes a este número e, ao final, desenhassem um objeto cujo nome iniciasse com a mesma letra do nome de cada um. Observamos, portanto, que a professora

realizou com as crianças as atividades propostas nas duas páginas, que envolviam a exploração das letras do alfabeto com base na escrita dos nomes das crianças.

Percebemos que a forma de trabalhar as atividades do livro, explicando de forma coletiva e deixando que as crianças pudessem ir construindo cada etapa da atividade, tentando ler e lembrar o que foi solicitado, foi bem recebida pelos alunos. A única dificuldade que eles apresentaram foi no momento de circular as letras em nomes que elas aparecem mais de uma vez, como Ana e Lara. Mas, após a explicação da professora, rapidamente as crianças compreenderam que, quando as letras se repetem elas só precisariam marca-la uma vez, e foram desenvolvendo as atividades.

Quando todos concluíram essas atividades a professora pediu que as crianças abrissem nas páginas 138 e 139 do livro (Figura 13) e iniciou a apresentação do gênero convite, mostrando duas possibilidades de convites, impresso e digital, e destacando as características desse gênero.

Figura 13



Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 138,139.

A professora começou explicando que utilizamos um convite quando queremos convidar alguém para um evento. E que é importante que todo convite tenha a informação de quem está convidando, quem está sendo convidado, qual o evento, quando será, onde será e o

horário. Neste momento os alunos começaram a interagir falando dos convites que já receberam ou que já tinham visto. Por fim a professora disse que alguns convites podiam ter mais informações, como o tipo de traje que deve ser utilizado ou o mapa do evento. E pediu que as crianças passassem para a página 140 e 141 do livro, e começou as atividades relacionadas a este gênero, como a identificação das partes fundamentais.

Figura 14

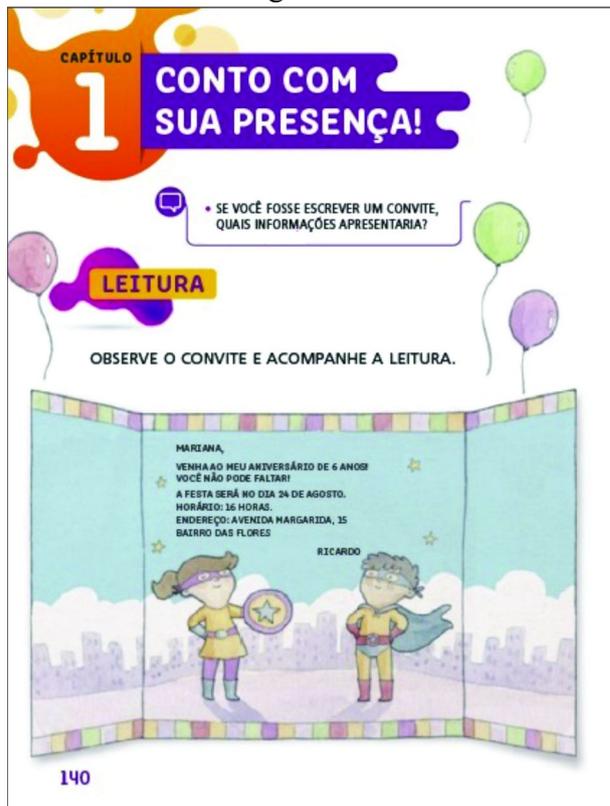
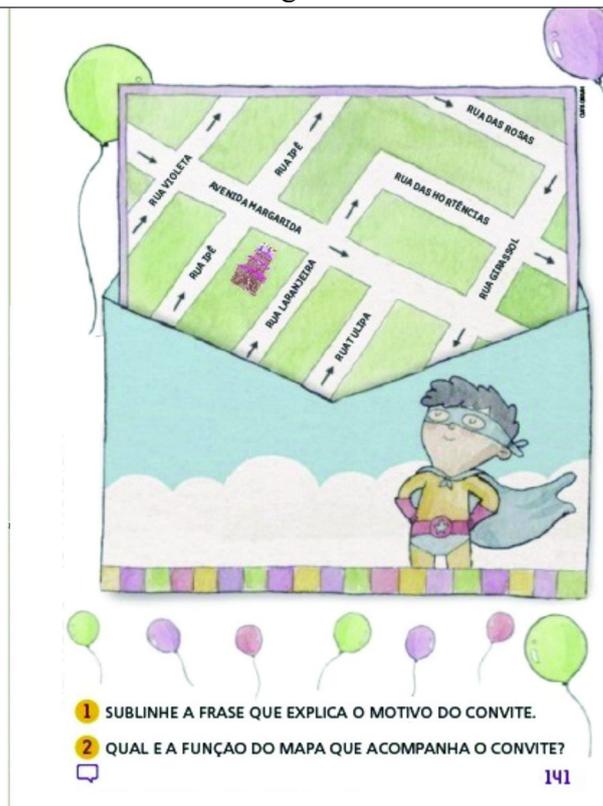


Figura 15



Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 140, 141.

A professora começou perguntando quem já tinha feito algum convite, como o convite da sua festa de aniversário. As crianças se animaram e começaram a contar suas experiências. Depois a professora leu o convite da página 140 e pediu que as crianças identificassem qual o motivo do convite, quem estava convidando, quem estava sendo convidado, a data, o horário e o endereço do evento.

Este momento foi um pouco demorado, pois, embora as crianças tenham identificado rapidamente o motivo do convite, quem estava convidando e quem estava sendo convidado, elas tiveram bastante dificuldade de identificar a data, o horário e o endereço do evento, o que acabou alterando o planejamento da professora. Ela retomou os conteúdos sobre a data,

mostrando no quadro como se lê uma data e como se identifica o dia, o mês e o ano, além de explicar também sobre os dias da semana.

Para ilustrar melhor a data e o dia da semana, a professora utilizou como exemplo a festa de carnaval da escola. Destacou a data que aconteceu, o mês e o ano, além do dia da semana. Ela escreveu no quadro a data da festa, e pediu que as crianças identificassem no calendário que tinha na parede da sala esta data e o dia da semana que aconteceu. As crianças começaram a entender como fazer esta identificação e, aos poucos, todos foram registrando no caderno o dia, o mês e o ano da festa, em formato de data.

Depois a professora pediu que as crianças escrevessem no caderno a data de seus aniversários. Como apenas duas crianças sabiam esta data, ela iniciou outra atividade com a data para que as crianças conseguissem compreender melhor este conceito.

Em seguida, a professora pediu que os alunos guardassem o caderno e foi chamando um a um em sua mesa. Lá, ela mostrou a cada aluno a ata da turma, que continha a informação da data de nascimento de todos. Então, ela pediu que os alunos identificassem qual era a data do seu aniversário. Todos conseguiram identificar o dia sem dificuldades. Já na identificação do mês alguns alunos tiveram dificuldade. Eles conseguiam identificar o número, mas ainda não conseguiam associar este número aos meses do ano. Com a ajuda da professora, todos conseguiram saber qual o mês do seu nascimento.

Terminada esta atividade a professora perguntou aos alunos se eles sabiam o nome da rua que eles moravam. Alguns souberam e outros não. E como duas crianças moravam na mesma rua, a professora utilizou este exemplo para perguntar como ela iria encontrar a casa de cada um se os dois moravam na mesma rua. Algumas crianças disseram que seria pelo número da casa. Então a professora começou a explicar quais as informações necessárias para que possamos encontrar um endereço, como o nome da rua, número da casa, nome do bairro, nome da cidade e nome do estado.

Então a professora voltou para a página 140, leu novamente todo o convite e pediu que as crianças identificassem o endereço do local do evento. Desta vez, a maioria conseguiu identificar. Então ela passou para a página 141 e perguntou por que precisamos colocar o endereço nos convites. E as crianças responderam que era para conseguir chegar ao local que seria o evento em questão. Neste momento a professora pediu que as crianças passassem para a página 142, e foi lendo aos poucos as atividades solicitadas. Como eles já tinham respondido oralmente todas elas, ela foi apenas retomando o assunto.

Como esta atividade foi um pouco extensa, ela foi retomada no quinto dia de observação, já na página 143 (Figura 17), quando a professora acompanhou os alunos no

preenchimento de um convite fictício para a festa de aniversário de cada um. Como eles tiveram dificuldades de colocar o endereço onde residiam, a professora orientou que eles colocassem como local, a escola onde estudam. E eles preencheram os nomes das ruas que cercam a escola, produzindo um mapa para o local da festa fictícia. Embora tenha sido uma atividade um pouco demorada, as crianças se mostraram interessadas durante todo seu desenvolvimento. As atividades da página 142 não foram realizadas. A professora optou em finalizar a atividade do convite com a produção presente na p. 143.

Figura 16

3 OBSERVE O MAPA DO CONVITE E COMPLETE A FRASE.
A FESTA SERÁ NA AVENIDA MARGARIDA, ENTRE A RUA _____ E A RUA _____.

4 RESPONDA ÀS QUESTÕES SOBRE O CONVITE.

A) QUEM ESTÁ SENDO CONVIDADA PARA A FESTA?

B) QUEM ESTÁ CONVIDANDO?

C) EM QUE DIA E HORÁRIO SERÁ A FESTA?

D) QUAL É O ENDEREÇO DO LOCAL DA FESTA?

• POR QUE É NECESSÁRIO ESCREVER O ENDEREÇO NO CONVITE?

5 RELEIA ESTA FRASE DO CONVITE.
★ VOCÊ NÃO PODE FALTAR!

A) O QUE RICARDO QUIS DIZER COM ISSO?

B) QUAL DESTAS FRASES PODERIA SER USADA NO LUGAR DE "VOCÊ NÃO PODE FALTAR!"?

SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE!

VENHA SE QUISER.

142

Figura 17

6 COMPLETE ESTE CONVITE.

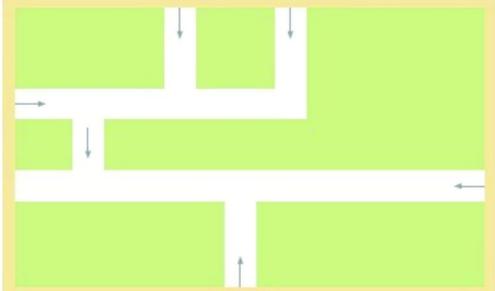
MEU ANIVERSÁRIO DE _____ ANOS ESTÁ CHEGANDO!

A FESTA VAI SER NO DIA _____, ÀS _____ HORAS.

ENDEREÇO: _____

ESTOU ESPERANDO VOCÊ!

• ESCREVA NO MAPA O NOME DA RUA QUE VOCÊ COLOCOU NO CONVITE E MARQUE O LOCAL DA FESTA.



143

Fonte: Prado e Hüller, 2023, p. 142,143.

A professora também comentou na entrevista que procura nos livros atividades relacionadas ao projeto didático em desenvolvimento na escola. Então, no oitavo dia de observação, a professora retomou o uso do livro didático de língua portuguesa, quando trabalhou com os alunos o gênero fábula, relacionado à temática do projeto que envolvia o meio ambiente e os animais. Primeiramente ela pediu que os alunos abrissem o livro na página 238. Então a professora leu para as crianças a fábula “A cigarra e as formigas” de Jean de La Fontaine. No texto, a cigarra, no verão, não faz outra coisa além de cantar, enquanto as formigas se põem a trabalhar. Quando chega o inverno, a cigarra, que não juntou comida,

pede socorro às formigas que se negam a ajudar. A moral da história é “os preguiçosos nada têm a colher”.

Quando terminou de ler a fábula, a professora perguntou aos alunos o que eles achavam do comportamento da cigarra em não ter trabalhado para juntar sua comida. E as crianças disseram que ela estava errada, pois devia ter trabalhado enquanto cantava. E então a professora perguntou o que eles achavam do comportamento das formigas, que tinham comida em abundância e mesmo assim se negaram em oferecer um pouco à cigarra, que naquele momento, não podia mais trabalhar, porque estava muito frio. Então as crianças disseram que ela também estava errada, porque se ela tinha tanta comida, podia ter ajudado a cigarra.

Então a professora mostrou aos alunos outra versão dessa fábula, que não estava no livro didático, tendo sido levado por ela. Nessa versão, de Monteiro Lobato, no final a formiga ajuda a cigarra, que em agradecimento faz uma festa e canta a noite toda. As crianças ficaram muito animadas com essa nova versão, e a professora propõe que cada um faça seu próprio livrinho da “A formiga e a cigarra”, podendo levar para casa e contar para sua família.

O livro também foi usado mais uma vez, durante as observações, para o trabalho com os nomes dos alunos. No décimo dia de observação, a professora distribuiu fichas com os nomes completos dos estudantes em uma das mesas e explicou aos alunos como seria a dinâmica da atividade: os estudantes deveriam observar as fichas para encontrar seus próprios nomes, depois lê-los em voz alta e, em seguida, procurar o nome de um colega que tivesse a mesma letra inicial que o seu, e o estudante escolhido seria o próximo a participar da dinâmica. Como a turma tinha poucos alunos, a professora permitiu que eles também utilizassem a letra inicial dos sobrenomes. Nesta atividade, além de trabalhar o reconhecimento dos nomes e das letras iniciais, a professora também incentivou a socialização entre os estudantes, com um foco especial na integração dos alunos novatos que chegaram na última semana de observação.

Em seguida, a professora pediu que os alunos se organizassem em duplas e a turma iniciou a segunda atividade do dia, presente na página 33 do livro. Inicialmente a professora propôs uma reflexão com os estudantes sobre a atividade, que trabalhava como as letras iniciais e finais de uma palavra podem alterar seu significado. Então, através de exemplos de nomes masculinos e femininos, como "Fernanda" e "Fernando", a professora conduziu a discussão. Um aluno observou que os nomes contidos na página 33 do livro começavam com a letra F e mencionou que achava que "Fernando" e "Fernanda" eram iguais. A professora questionou então, qual seria a diferença entre os nomes, e as crianças começaram a indicar

que a diferença estaria nas letras finais "A" e "O". Em seguida, a professora escreveu os nomes no quadro, destacando as letras finais, para reforçar o aprendizado. Dando continuidade à reflexão iniciada anteriormente, a professora acompanhou os alunos na realização das atividades das páginas 34 e 35, e solicitou que os alunos procurassem os animais escondidos na figura, para então completarem as palavras dos nomes dos animais, utilizando as vogais "A" e "O".

Ao final desta atividade, a professora direcionou as crianças para a página 287 do livro, e pediu que as crianças recortassem as letras para compor um alfabeto móvel. Em seguida, elas organizaram as letras em ordem alfabética e usaram-nas para formar seus próprios nomes. Por fim, a professora conduziu o jogo "bingo das letras do nome", onde cada aluno precisava formar seu primeiro nome de acordo com as letras sorteadas pela professora. As crianças se divertiram muito e todas foram premiadas quando completavam o seu nome. A professora nos contou que utilizava esse tipo de atividade para reforçar o reconhecimento das letras e a compreensão de como elas formam palavras, a partir de uma palavra já conhecida por eles, como o nome próprio.

Enfim, diante do exposto, podemos perceber que, de fato, a professora usa o livro didático a partir de diferentes estratégias, inserindo as atividades nele presentes em seu planejamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos da nossa pesquisa, que era o de analisar as propostas de alfabetização do livro didático de língua portuguesa do 1º ano, da coleção Entre Laços, aprovado no PNLD 2023 e os usos que uma professora faz deste material em suas práticas de ensino da leitura e da escrita, pudemos observar que o livro apresenta uma diversidade de textos, trabalhados através de atividades de leitura de diferentes gêneros.

Desta forma, o material analisado trabalha na perspectiva da apropriação da escrita e da ampliação das experiências de letramento, com produção de textos. Ainda assim, no que se refere às atividades voltadas para a alfabetização, existe um foco na memorização das letras e de seus sons. O que se deve às exigências do edital do PNLD de 2023, que exigia que os livros selecionados estivessem em consonância com a PNA.

Entretanto, é importante destacar que o livro também propõe atividades mais reflexivas, que trabalham com o nome das crianças, além de atividades com reflexões fonológicas no nível da sílaba e da rima. Ainda que menor quantidade.

Outro dado significativo e definidor dos resultados da pesquisa é o uso que a professora faz do material analisado em sua prática. Já que a PNA propunha retrocessos ligados não apenas à defesa da retomada de práticas baseadas em métodos fônicos de alfabetização, mas também na concepção de professor, visto como mero executor de propostas previamente elaboradas pelos editores e autores destes materiais didáticos, que voltavam a serem vistos como reguladores e autores das práticas docentes (Albuquerque, Ferreira, 2023).

Percebemos que a professora tem uma prática marcada pela pluralidade de materiais e sugestões de atividades. Ela utiliza o livro de maneira autônoma, relacionando-o com o seu planejamento e desenvolvendo estratégias para além do que o material recomenda, Com propostas que estimulam a leitura e a escrita autônoma dos alunos, e atividades de apropriação da leitura e da escrita.

Enfim, os dados do nosso estudo corroboram o que foi dito por Albuquerque e Ferreira (2023, p. 33) quando asseguram que “*as professoras são, de fato, as autoras de suas práticas, a despeito dos materiais didáticos que utilizem*”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. **Práticas de alfabetização. O lugar dos livros didáticos na organização do trabalho docente.** Editora CRV - Curitiba, 2023.

ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. **Programa nacional do livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.27, n.103, p. 250-270, abr./jun. 2019.

ANDRÉ, T. C.; BUFREM, L. S. **Avaliação em larga escala e alfabetização: a adoção do método fônico em Foz do Iguaçu.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, n. 15, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).** Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Educacional Brasileiro. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Manual do Pacto.** Brasília: MEC, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **CNCA: Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Brasília, 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Secretaria de Alfabetização. Brasília, 2019.

BRANDÃO, C.L.; SOUZA, R. J. **Reflexões sobre o PNLD - Alfabetização na idade certa (2013): Literatura nas salas de alfabetização**. Educ. Anál., Londrina, v.2, n.1, p.21-36, Jan./jun. 2017.

BRITTO, T. F. **O Livro Didático, o Mercado Editorial e os Sistemas de Ensino Apostilados**. Centro de Estudos da Consultoria do Senado – Textos para discussão/92, 2011.

CAGLIARI, C. L. **Práticas de alfabetização de crianças e formação de alfabetizadoras**. In: FARIA, E.; SILVA, W. R. Alfabetizações. Editora Pontes, 2022.

CAMPELO, M. E. C. H. **Psicogênese da língua escrita e a alfabetização de crianças do Rio Grande do Norte**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 53, n. 39, p. 186-217, set./dez. 2015.

COUTINHO-MONNIER, M. L.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; SOUZA, S. B. **Práticas de alfabetização com uso dos materiais do Programa Alfa e Beto e de livros didáticos do PNLD: o que fazem as professoras? O que os alunos aprendem?** In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. Práticas de alfabetização. O lugar dos livros didáticos na organização do trabalho docente. Editora CRV - Curitiba, 2021.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização**. Dificuldades ortográficas. O domínio da linguagem escrita. Variedades dialetais e alfabetização. São Paulo - Contexto, 2005.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Editora Artes Médicas – 4º edição – Porto Alegre, 1991.

GALZERANO, L. S. **Programa Nacional do Livro Didático e sistemas privados de ensino: a atuação da Somos Educação.** Fineduca – Revista de Financiamento da Educação, Porto Alegre, v. 6, n. 9, 2016.

JUNIOR, E. B. OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O; L.SCHNEKENBERG, G. F. **Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.36-51/2021.

KRUEGER, G. C. **Desenvolvimento da escrita nos anos iniciais da alfabetização.** Revista Even. Pedagóg. Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade. Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 806-815, ago./dez. 2019.

LIMA, A. M.; MÉLO, W. R. **Gêneros textuais e ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 18, n. 2, p. 529-546, maio/ago. 2022.

MARINHO, A. K. B.; BOCHEMBUZIO, C. M. F. **Alfabetização e letramento: um olhar crítico sobre o método fônico.** RELEDUC - v. 4, n. 2, p. 82-101, ago. 2021.

MORAIS, A. G. **Políticas e práticas de alfabetização no Brasil, hoje: precisamos continuar resistindo e aprendendo com Paulo Freire.** Revista Brasileira de Alfabetização - Número 16 - Edição Especial, 2022.

MORAIS, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética.** Como eu escrevo - Melhoramentos, Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados.** Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago., 2010.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Seminário Alfabetização e Letramento em debate - Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação - Brasília, 2006.

OLIVEIRA, A. F. C. **Concepções de alfabetização: estudo de livro didático do primeiro ano do Ensino Fundamental indicado pelo PNLD 2023 à luz da PNA (2019) e da BNCC (2018) e necessidade de superação.** Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG - Campus Goiânia, 2023.

OLIVEIRA, S.; GUIMARÃES, O. M.; FERREIRA, J. L. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação.** Revista Linhas, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago., 2023.

PINTO, J. M. R. **Uma análise da destinação dos recursos públicos, direta ou indiretamente, ao setor privado de ensino no Brasil.** Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 134, p.133-152, jan.-mar., 2016.

ROSA, M. D'A. **O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e os livros didáticos de Ciências.** REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino - Universidade Estadual do Norte do Paraná Cornélio Procópio, v. 1, n. 2, p. 132-149, 2017.

SILVA, P. G. **Os gêneros textuais e sua contribuição para o processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo. Manaus/Amazonas, 2024.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Editora Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: as muitas facetas.** Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

SOARES, M. **A reinvenção da alfabetização.** v.9 - n.52, p. 15-21 - jul./ago. 2003.

SOUZA, J. B. **Breve história da alfabetização.** Revista Evolução CICEP, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 1-38, 2023.

STORTO, L. J.; BRAIT, B. **Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de Língua Portuguesa**. Cad. Est. Ling., Campinas, v.62, p. 1-25, e020015, 2020.

VELÁZQUEZ, S. R.; ALBUQUERQUE, S. S. **(Des)caminhos da educação infantil no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)**. Educação, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1 -14, jan-dez. 2023.

VIEIRA, E. S.; SOUZA, J. T.; PESSOA, A. C. R. G. **Os usos do livro didático de letramento e alfabetização no ensino de conhecimentos relacionados ao Sistema de Escrita Alfabética em turmas do 1º ano do ensino fundamental**. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B. Práticas de alfabetização. O lugar dos livros didáticos na organização do trabalho docente. Editora CRV - Curitiba, 2021.

VIEIRA, Z. P. P. **Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória; Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista/BA, 2017.

ZANOLLA, T. **Processos de alfabetização em livros didáticos de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental – PNLD 2019**. Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, 2019.

ANEXO 01

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM PROFESSORAS DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Há quanto tempo você é professora de alfabetização?
2. Você poderia me falar sobre as atividades que você desenvolve de leitura e escrita?
3. Esse ano vocês receberam livro do PNLD 2023 da área de linguagem para trabalhar com as crianças?

Se a resposta for positiva, continuar a entrevista com as seguintes questões:

4. Qual foi o livro que vocês receberam?
5. Esse foi o livro escolhido por vocês (professoras da escola)?
6. Como foi a escolha do livro? Quais os critérios usados na escolha do livro? O guia ajudou na escolha do livro? Como?
7. Como você usa o livro? Com que frequência? Além dele, você usa outros materiais para trabalhar a leitura e a escrita?
8. O que você acha do livro didático que recebeu? O que você gosta nele?
9. O que você não gosta no livro? O que você acha que podia ser melhor no livro? Há algo que o livro não contempla e que você sente falta?
10. Você sente alguma dificuldade no uso do livro?
11. Os alunos gostam do livro?
12. Você poderia me falar sobre algumas atividades que você fez com base no livro?
13. Em relação ao eixo da leitura, o que você acha do trabalho proposto pelo livro?
14. O que você acha da coletânea de textos do livro?
15. Como são as atividades de alfabetização propostas pelo livro? Que atividades você gosta (considera boas atividades)?
16. O livro didático propõe atividades de produção de textos? Se sim, o que você acha dessas atividades? Já as realizou em sua turma?
17. E a oralidade, ela é trabalhada no livro? Se sim, como?
18. Você recebeu o manual do professor? Você leu esse manual? O que você acha dele?